



CORPOS QUE ENSINAM: FORMAÇÃO DOCENTE EM MOVIMENTO

Sophia Perez¹
Hemanoela de Paula²
Elisa Abrão³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar um relato de experiência desenvolvida por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) realizado por discentes do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Goiás (UFG), atuantes no Colégio Estadual Colemar Natal e Silva. A exibição do episódio "Danças do Momento", da série Explicando, disponível pela plataforma de streaming Netflix, gerou grande indignação entre os alunos, que notaram a predominância de danças estadunidenses e manifestaram interesse em conhecer mais sobre as danças populares brasileiras, especialmente o Carimbó. Essa curiosidade motivou a inclusão do ensino teórico-prático dessa manifestação cultural nas aulas de dança, buscamos provocar uma transformação nesses corpos que estão habituados à rotina escolar. A iniciativa do vídeo culminou em um sequenciador pedagógico, que resultou em uma apresentação final na festa junina da própria instituição, nessa ocasião, as alunas desestabilizaram a disciplinarização de seus gestos e iniciaram uma pesquisa sensível em seus corpos dançantes. As discentes conseguiram mobilizar familiares, coordenação, equipe escolar e a nós, ministrantes, a partir do desejo de apresentar a dança com o figurino tradicional do Carimbó. Como efeito, observou-se maior autonomia, colaboração criativa, socialização e conscientização da dança como área do conhecimento. A experiência evidenciou a importância de vivenciar e conhecer a cultura brasileira corporalmente, demonstrando que a dança é uma potência de ensino-saber artístico socioemocional, político e transdisciplinar.

Palavras-chave: Ensino, Dança, Cultura popular, Carimbó.

INTRODUÇÃO

Pedimos licença para iniciar com nossa autodescrição, reconhecendo esse gesto como um ato político e educativo, pois entendemos que a educação precisa reafirmar constantemente seu compromisso com todas as pessoas, garantindo seus direitos de serem vistas, ouvidas e

¹ Graduando do Curso de Dança licenciatura da Universidade Federal de Goiás - UFG, perez@discente.ufg.br;

² Graduado pelo Curso de Dança licenciatura da Universidade Federal de Goiás - UFG, hemanoela_santos@discente.ufg.br;

³ Professora orientadora Elisa Abrão: Professora do curso de Licenciatura em Dança – UFG. Coordenadora do PIBID-Dança. Doutora em Artes da Cena (Unicamp) com Doutorado Sanduíche na Faculdade Nova de Lisboa. Especialista no Sistema Laban/Bartenieff pela Faculdade Angel Vianna/Centro Laban/RJ, com equivalência internacional pelo LIMS/NY, elisaabraq@ufg.br;



reconhecidas em suas singularidades. Ao decorrer do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) Dança recebemos oficinas e palestras de cunho formativo, dentre as atividades oferecidas pelo PIBID - Dança, conhecemos e aprendemos mais sobre a acessibilidade e como realizar a audiodescrição com a oficina “Verbalizar imagens, ampliar Presenças: Introdução à audiodescrição com perspectivas críticas, técnica e estética” ministrada por Weverton Ferreira e Renata Ghizzi, temos como compromisso fortalecer este ato político por meio deste artigo, e este ato também está presente em nossa rede social PIBID - Dança⁴. Além das ações formativas dentro do PIBID - Dança, o próprio curso de Dança tem na sua grade curricular um viés decolonial e que promove a acessibilidade, como por exemplo na disciplina de “Dança, Inclusão e Diferença”.

⁵Sophia Perez, nascida em Goiânia (GO) no a, mulher de pele branca nascida em 2006, com 1,65 de altura, cabelos longos e lisos da cor castanho claro e até metade das costas, rosto arredondado com sobrancelhas finas, nariz pequeno levemente torto para a esquerda, várias sardinhas pelo rosto e boca com lábios finos e a discente Hemanuela Santos de Paula, nascida em Tangará da Serra (MT), mulher negra racializada como parda, tem 19 anos de idade, com 1,75 de altura, tem cabelos crespos de cor castanho escuro de tamanho médio, sobrancelhas médias, olhos castanhos escuros grandes com cílios bem alongados, nariz e boca médios e um sorriso largo.

O Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) foi criado pelo decreto nº7.219/2010, tendo sofrido algumas alterações ao longo do tempo, sendo a última pela portaria Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) nº 90, de 25 de março de 2024 que considera como principais objetivos do PIBID incentivar a formação de professores para a educação básica e valorizar o magistério, fortalecendo o papel do docente na sociedade. O programa busca elevar a qualidade da formação inicial nos cursos de licenciatura por meio da integração entre a universidade e as escolas públicas, promovendo vivências que

⁴ Trata-se do perfil oficial do Instagram do PIBID - Dança (UFG), o perfil documenta e divulga as atividades, processos criativos e reflexões desenvolvidas pelos bolsistas, servindo como um repositório digital das ações de ensino e extensão que relacionam dança e educação. Disponível em: <https://www.instagram.com/pibiddancaufg?igsh=bXNka2x4ZXQ0d2I0>. Acesso em: 17 dez. 2024.

⁵ As autodescrições físicas dissertadas pelas discentes foram elaboradas seguindo os parâmetros técnicos estabelecidos pela Nota Técnica Nº 21/2012 do MEC/SECADI/DPEE, que normatizam a descrição de imagens e características físicas para materiais digitais acessíveis.



aproximem teoria e prática. Ao inserir os licenciandos no cotidiano escolar, o PIBID oferece oportunidades de experimentar metodologias e práticas inovadoras, incentivando a reflexão sobre os desafios do ensino-aprendizagem. Além disso, mobiliza os professores da rede pública como co-formadores, reconhecendo as escolas como espaços fundamentais na formação dos futuros docentes e na construção de uma educação pública de qualidade. Reforçando essa magnitude do PIBID, a Comissão de Educação da Câmara dos Deputados aprovou a PL 7552/2014 que institucionaliza o programa como política de estado, garantindo continuidade às ações formativas, impedindo contingenciamento e interrupção do programa e assegurando a valorização da docência.

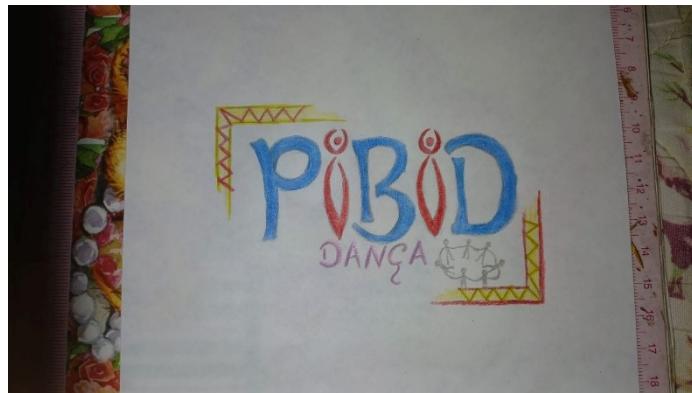


IMAGEM 1 - Primeira ideia de logo para o PIBID – Dança

O PIBID é uma iniciativa do Ministério da Educação, desenvolvido em parceria com diversas Instituições de Ensino Superior do país. Em nosso contexto específico da Universidade Federal de Goiás (UFG), o programa é vinculado à Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD) e contempla o curso de Dança licenciatura, integrando ações que aproximam a formação acadêmica da prática docente nas escolas públicas. O PIBID Dança atua em diferentes espaços educativos, promovendo experiências de ensino, pesquisa e extensão voltadas à arte e à educação. Entre os locais de realização do projeto, este relato destaca o Colégio Estadual Colemar Natal e Silva, localizado na cidade de Goiânia no setor aeroporto, a escola atende jovens do 6º ano do ensino fundamental até a 3º série do ensino médio. O recorte deste trabalho é refente a atuação das autoras com as turmas de 8º e 9º ano, com encontros semanais as terças-feiras.





IMAGEM 2 - Primeiro contando com o Colégio Colemar e com a supervisora Ana Paula

METODOLOGIA

Depois da exibição do episódio "Danças do Momento", da série Explicando, os estudantes notaram o grande domínio das danças estadunidenses, o que gerou comoção em conhecer mais sobre as danças populares brasileiras. Aproveitamos essa oportunidade para ensiná-las que, apesar da existência das hierarquias sociais que atravessam os saberes escolares, nós procuramos ver de outro modo, para que as hierarquias sociais não se fortaleçam no nosso ambiente de ensino. Com isso elas compreenderem que nenhum tipo de saber e/ou dança está acima do outro de forma hierarquizada, como por exemplo, o hip-hop mostrado pelo episódio “Danças do Momento” e o Carimbó vivenciado em sala de aula. Os saberes não precisam se sobrepor, mas sim se interseccionarem e coexistirem em um modelo de holarquia, de modo a qual todos os ensinos e danças estão entrelaçados em uma interseccionalidade de saberes.

A partir disso percebemos que o ensino sobre/da cultura popular ainda é pouco presente na educação básica brasileira, apesar da vigência da Lei nº 11.645/2008, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura Afro-brasileira e Indígena nas escolas de ensino fundamental e médio, seja pública ou particular. Entretanto a construção efetiva de uma educação antirracista e multicultural no Brasil, ainda enfrenta profundas barreiras que vão além da simples inclusão destes conteúdos no currículo. A implementação da Lei



11.645/2008, por si só, não garante o ensino em prática na sala de aula, pois frequentemente o ensino da cultura popular brasileira

acaba por resultar num ensino-aprendizagem com uma abordagem superficial, que folcloriza as culturas afro-ameríndia, e as isola em datas comemorativas, sem ter cunho crítico ao confrontar as estruturas racistas que permeiam o cotidiano escolar.

Esse esvaziamento crítico, a superficialidade no processo de ensino e a folclorização das culturas afro-ameríndias, acabam por reforçar uma sensação de distanciamento da cultura popular brasileira. Devido ao fato de a cultura popular ser apresentada como algo “antiquado” e restrito a datas específicas, a educação básica brasileira não só falha em cumprir o papel de mediador desses saberes, como causa um distanciamento da própria cultura, e por causa disso o sentimento de não pertencimento se mostra presente dentro dos grupos sociais os quais esses jovens fazem as suas investidas.

Diante disso é perceptível que no atual modelo escolar existente no Brasil, o propósito é tornar os estudantes em máquinas que pouco sabem sobre eles, e muito sobre o “outro”. E na adolescência o medo de não pertencer a algum grupo é algo muito recorrente, durante as aulas de dança no Colégio Colemar, percebemos que o medo de não ser aceito por ser diferente ou por não dançar bem estava muito vivo nos discursos expressados pelos estudantes. E por meio do ensino do Carimbó fomos capazes de alcançar esses jovens de maneiras muito profundas, em especial o sentimento de estar em comunidade quando se dança em roda e perceber que não estamos sozinhos. Além de que a incorporação da cultura popular na educação básica é um ato político essencial para descolonização do currículo e também para dar voz e legitimidade aos saberes dos territórios.

Quando introduzimos o Carimbó para os estudantes, algumas alunas comentaram que já haviam dançado ou visto o Carimbó na telenovela "A Força do Querer", de autoria de Glória Perez, exibida pela Rede Globo em 2017, que destacou a cultura do Pará, incluindo a música e a dança do Carimbó. A partir disso fica evidente que a mídia e as telenovelas exerceram uma influência significativa na composição do repertório cultural dos alunos, atuando como uma porta de entrada para a descoberta do Carimbó. No entanto, esse acesso mediado pela indústria cultural apresenta a cultura popular de forma espetacularizada, pouco crítica e desconectada de seus contextos sociais, históricos e culturais, por isso cabe à escola ir além desse contato inicial, problematizando e aprofundando os saberes dessa cultura, para que





os estudantes compreendam que o Carimbó está além de só um elemento midiático, afinal o Carimbó é dança, resistência e patrimônio cultural brasileiro.

Dessa forma, transformamos um simples reconhecimento em um ato de valorização crítica e política, fato que vai de encontro com um dos princípios freirianos que orientou todas a prática educativa do PIBID - Dança no Colégio Colemar. No livro “A pedagogia da autonomia” do educador brasileiro Paulo Freire, no tópico 1.3 da página 16 é dito “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, o que nos mostra que o caminho de ensino-aprendizagem é uma via de mão dupla, você ensina e aprende ao mesmo tempo, é um compartilhamento mútuo. Portanto é necessário respeitar os conhecimentos prévios dos estudantes, pois eles não são papéis em branco, desde de quando eles chegam nas escolas eles detêm saberes e ideais que a sua comunidade ensinou de modo informal.



IMAGEM 3 - Foto com as turmas de oitavo e nono ano

DESENVOLVIMENTO





Entre os conteúdos trabalhados no Colemar,

daremos ênfase ao ensino do Carimbó não como um simples item curricular, mas como uma caminhada viva que possibilitou discussões como por exemplo, o pertencimento coletivo. E por meio dessa abordagem que vai de encontro com outro princípio freiriano, que é a relação de escuta durante o processo de ensino-aprendizagem, na qual o conhecimento é construído a partir da valorização das vivências dos educandos.

Um exemplo potente disso foi o relato da discente Maria Clara Duarte falou que já havia dançado, e acrescentou dizendo que “então eu dancei o Carimbó pela primeira vez quando eu tinha 10 aninhos e assim, eu amei muito porque eu vim de Belém e lá é praticamente a ‘cidade do Carimbó’. Então eu já estava acostumada a ver aquelas mulheres dançando com todas aquelas saias lindas e enfim foi uma experiência incrível que eu levo para a vida toda!”. Sua fala é rica em afeto e memória, o que transforma a sala de aula em um espaço de discussões sobre territorialidade, permitindo que uma maior compreensão sobre o Carimbó não como uma cultura distante, mas como prática nascida e enraizada em um lugar específico que se propaga em diferentes territórios.

Já a aluna Paola Furquim mergulhou profundamente na estética da saia do Carimbó com ajuda de sua mãe, ela foi a primeira aluna a criar a sua própria saia. A aluna e a sua mãe compraram uma saia em um brechó, a saia rodada tinha um tom de azul Capri que remetia a água do oceano, a Paola tinha como principal intenção recriar a imagem de uma sereia, por isso ela confeccionou a sua saia com várias conchas e no dia da apresentação ela estava utilizando uma presilha no formato de estrela do mar e diversas pulseiras coloridas. Esse processo revela que muito mais do que uma tarefa artesanal realizada pela aluna e sua mãe, demonstra a manifestação de saberes culturais que transcendem as paredes da sala de aula.

REFERENCIAL TEÓRICO

A metodologia utilizada neste processo de ensino-aprendizagem está relacionada com uma perspectiva freiriana, pois o desenvolvimento das aulas se apoiou na visão filosófica e pedagógica de Paulo Freire. Onde a prática é entendida como fonte de teoria e





transformação, neste sentido a observação e presença nas aulas de dança no Colégio Colemar nos mostravam os “sinais do que fazer” que também emergiram da escuta sensível dos estudantes.

É importante pontuar que o exercício de escuta sensível está longe de ser passiva, porque esta ação é o combustível para as reflexões do coletivo PIBID - Dança, em seus encontros semanais que funcionam como compartilhamento de saberes. É neste momento em

que analisamos, questionamos e repensamos diferentes caminhos a serem percorridos, e deste modo o desenvolvimento se torna contínuo e colaborativo.

A prática como pesquisa vai trilhando os caminhos que os métodos de ensino-aprendizagem podem seguir, portanto a relação entre a prática pedagógica em dança e a formação do docente se fortalece de maneira circular e integrada, seguindo uma dinâmica espiralada. Consequentemente, os saberes compartilhados nas reuniões pedagógicas retornam ao solo escolar, orientando novas práticas e experimentações na prática. Em conclusão, esse movimento contínuo de ação-reflexão-ação de maneira elaborada faz com que a formação e a atuação na escola se misturem e se fomentem mutuamente. Sendo assim, o caminho metodológico não é predeterminado, mas vai se construindo ao longo do processo, guiado pelas necessidades e reflexões que emergem da realidade concreta, garantindo que a pesquisa esteja viva a todo momento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a metodologia de ensino-aprendizagem e do processo de criação da coreografia era possível ver a mudança da perspectiva delas sobre a cultura popular brasileira e acerca do que é dançar, e como o envolvimento familiar e dos professores para o dia da festa junina foi essencial para as alunas. As próprias estudantes estavam se ajudando naturalmente, nesse sentido é possível refletir sobre como nos tempos atuais estar em grupo não é algo visto como relevante e valioso, pois o individual está acima do coletivo. Sobretudo em uma educação que





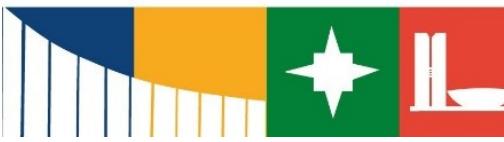
é voltada para a preparação de mão-de-obra para o mercado de trabalho, o que causa a perda de uma educação humanizada relacionada à arte.

Por meio da escuta sensível e do acolhimento no início das aulas, foi possível mostrar para elas que a escola não precisa ser esse local rigoroso o qual elas estão habituadas a conviver, pois a arte ainda nos transforma, e a dança nos mostra novos caminhos de vida.

Como fruto deste processo, observou-se maior autonomia, colaboração criativa, socialização e conscientização da dança como área do conhecimento. O ensino-aprendizagem do Carimbó evidenciou a importância de vivenciar e conhecer a cultura brasileira corporalmente, demonstrando que a dança é uma potência de ensino-saber artístico.

Através da sistematização dos resultados, observou-se que apesar da pouca presença do ensino da cultura popular nas escolas o trabalho realizado pelo PIBID - Dança permitiu a inversão das epistemologias, reafirmando os conhecimentos da dança, em específicos relacionados ao da cultura popular. construção de um epistermômetro e um maior reconhecimento da dança como conhecimento. No âmbito das relações, foi possível identificar a valorização do coletivo, a partir do ato espontâneo de se ajudarem, o que fortaleceu os vínculos afetivos entre eles. Esse ambiente foi marcado pelo acolhimento, a escuta sensível e a humanização do ensino-aprendizagem, por fim a autonomia e a criação colaborativa foram resultados notórios durante o processo coreográfico.

Em suma, o ensino-aprendizagem da dança Carimbó revela-se como um exemplo prático do que o Epistermômetro do autor José Jorge propõe em escala de matriz curricular, afinal todo o processo se baseou na descolonização dos saberes desses jovens estudantes, que passou pelo corpo e pela experiência coletiva. Esse método questiona as hierarquias de conhecimento e valoriza os saberes tradicionais, a dança nesse contexto, deixou de ser um





objeto distante e passou a ser um caminho de compreensão ativo, pois o Carimbó não só foi “ouvido”, ele deixou atravessou e deixou marcas em seus corpos.

IMAGEM 4 - Alunas de nono e oitavo ano, vestida com as suas saias floridas de Carimbó e blusas brancas, prontas para dançar

“Tudo o que entra por um ouvido não sai pelo outro sem cruzar a estrada do entendimento.”
(Marília Cosby, 2015)

Finalizamos está escrita reafirmando e resgatando o livro “Baobás do Fim do Mundo”, afinal é nítido que certos saberes, são como uma grande árvore que precisa de raízes fortes para não tombar ao esquecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais que emergem desta pesquisa, que está centrada na inserção do Carimbó no Colégio Colemar por meio do PIBID - Dança, é a potência do “ensino-saber através do corpo” como um pilar fundamental para a educação brasileira. Ao longo deste trabalho ficou evidenciado que a dança está além de uma expressão artística, é uma via de acesso para a transformação de corpos, à construção da identidade pessoal e ao fortalecimento dos diferentes tipos de epistemologias.

A metodologia aplicada mostra que a vivência corporal do Carimbó é eficaz em superar as perspectivas da folclorização da cultura popular brasileira, pois o Carimbó foi apresentado para os estudantes como tradição viva e que está em constante diálogo com o presente.

Por fim, reafirmamos que a existência das iniciativas do PIBID é indispensável, elas não apenas qualificam a formação de futuros docentes, mas abrem caminhos para exploração de novos territórios educacionais, e que por intermédio do solo fértil da escola tivemos a possibilidade de semear a valorização do ensino corporal e das tradições brasileiras. O Carimbó, ensinado e vivido com sensibilidade mostra-se não como uma obrigação a ser cumprida por causa das leis, mas sim como um importante ensino-saber de transformação nos tempos atuais.



AGRADECIMENTOS

Nosso profundo agradecimento, em nome de Sophia e Hemanuela, a todas as pessoas que compuseram, na batida certa de sua dedicação e entusiasmo, a realização deste trabalho. Às nossas alunas do Colemar, à supervisora Ana Paula, à coordenadora Elisa Abrão (PIBID-Dança), ao vibrante coletivo de pibidianes da Dança, às nossas famílias e das alunas também, e a todos os educadores do Colégio Colemar, o nosso sincero obrigada.

Esta conquista é fruto da nossa grande roda dançante.



IMAGEM 5 - Coletivo de pibidianes unidos em uma fotografia com a sua supervisora Ana Paula

REFERÊNCIAS

Epistemômetro: Uma Metodologia para a Descolonização e Transformação do Currículo das Universidades Brasileiras. PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, [S. l.], v. 13, n. 25, p. 302–345, 2023. DOI: [10.22409/pragmatizes.v13i25.57921](https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i25.57921). Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/57921>. Acesso em: 17 out. 2025.

FREIRE, P. Pedagogia Da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

SANTOS, M.; DA, R.; FERREIRA, S. CARIMBÓ: UM MOVIMENTO CULTURAL BRASILEIRO. [s.l: s.n.]. Disponível em:
[<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/819/o/milton_rouse.pdf>](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/819/o/milton_rouse.pdf).





⁶SANDER, Alex; ISIS; JOSIANE. Oficina de carimbó. Trabalho acadêmico, Faculdade de Educação Física e Dança, Universidade Federal de Goiás, [2024].
IX Seminário Nacional do PIBID

KOSBY, Marília Floôr. Perdizes. Os Baobás do fim do mundo. 2^a ed. Porto Alegre: Après Coup – Escola de Poesia, 2015.

⁶ SANDER, Alex; ISIS; JOSIANE. Oficina de carimbó. Trabalho acadêmico, Faculdade de Educação Física e Dança, Universidade Federal de Goiás, [2024]. Agradecemos publicamente e imensamente à autora Josiane, Isis e Alex pela gentileza em disponibilizar seu material inédito, o qual foi de fundamental importância para o desenvolvimento teórico-prático das aulas e deste trabalho. Acesso em: 17 dez. 2024.

